



A Produção do Jornalismo Cultural em Salvador: Análise da Cobertura de Música do Caderno 2+ do Jornal A Tarde¹

Marcelo Pinheiro Argôlo²
Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA

RESUMO

Discute-se as características que fazem do jornalismo cultural uma especialização dentro do jornalismo e suas peculiaridades em relação a outras especializações jornalísticas. Apresenta a maneira diferenciada que o jornalismo cultural se relaciona com as suas fontes e as distinções dessa especialização na formulação das pautas e na construção das reportagens e críticas. Toma como objeto de análise a cobertura de música no Caderno 2+ do Jornal A Tarde, uma publicação de jornalismo cultural ou jornalismo especializado em cultura, para observar como as características e especificações discutidas são aplicadas na cidade de Salvador.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo cultural; jornalismo especializado; reportagem especializada em cultura; crítica cultural; caderno 2+.

INTRODUÇÃO

Entende-se como jornalismo cultural uma especialização dentro da produção jornalística. Logo, pode-se nomear também de jornalismo especializado em cultura. Em ambos os casos, refere-se à produção jornalística que tem como tema as linguagens artísticas (música, literatura, teatro, artes visuais, cinema, dança, entre outras), seus produtos e manifestações, além de outras expressões culturais como moda, gastronomia, cibercultura, televisão, entre outras. Como uma especialização, espera-se que o jornalismo cultural construa “um tipo de discurso que [...] promova um outro tipo de conhecimento que se funde [...] na compreensão conjunta do universo científico e do senso comum” (TAVARES, 2009, p. 123). Cabe a esse jornalismo buscar o aprofundamento de questões relacionadas à sua área de cobertura com apurações detalhadas, informações contextualizadas e análises com fundamentações sólidas.

Como bem sintetiza Faro (2012, p. 14), “jornalismo cultural é a produção noticiosa/analítica de eventos de natureza artística e/ou editorial”. Portanto, para essa espe-

¹ Trabalho apresentado no IJ01 - Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 12 a 14 de junho de 2013.

² Estudante de graduação 6º. semestre do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da Facom-Ufba, email: celo.argolo@gmail.com



cialização jornalística, o texto noticioso, através da reportagem, deve estar acompanhado do texto analítico, através da crítica. Enquanto a reportagem aborda temas mais superficiais e ágeis, como a agenda de lançamentos e eventos ou acontecimentos que envolvem atores do campo cultural, a crítica tem a função de aprofundar a cobertura com a avaliação das linguagens artísticas, por meio de suas obras e tendências, e das formas de expressão cultural. É a junção dessas duas maneiras de construção do discurso jornalístico que faz a especialização em cultura cumprir seu objetivo de “influir sobre os critérios de escolha dos leitores, fornecer elementos e argumentos para sua opinião” (PIZA, 2009, p. 45).

O presente artigo reflete sobre a produção do jornalismo especializado em cultura, particularmente a cobertura de música, na cidade de Salvador. Parte-se do princípio de que aproximar em método a especialidade em questão a outras, como a política ou econômica, menospreza “o maior peso relativo da interpretação e da opinião em suas páginas” (PIZA, 2009, p. 8). Tanto quanto informar e reportar, o jornalismo cultural precisa discutir, analisar e interpretar as diversas produções e manifestações culturais com as quais se depara. O texto informativo tem a sua função, mas não deve suprimir o espaço da crítica.

Aqui, usa-se como objeto empírico o Caderno 2+ do Jornal A Tarde. Pretende-se avaliar como a cobertura dada à música, uma das linguagens artísticas mais recorrentes nas publicações de jornalismo cultural, pelo suplemento diário durante a primeira semana de março de 2013 (entre domingo, dia 3, e sábado, dia 9), balanceou a publicação de reportagens e críticas. Além disso, é objetivo do trabalho analisar o nível de aprofundamento dos textos, tendo em vista que o produto se enquadra na noção de jornalismo especializado em cultura. Para isso, pretende-se observar a diversidade de fontes usadas para a construção dos textos, o que diz respeito à apuração detalhada mencionada anteriormente; a conexão entre diferentes obras, produtos, manifestações e/ou linguagens artísticas, referência à já citada informação contextualizada; e a relação com a conjuntura histórica, política, social e/ou econômica das informações analisadas, referência à necessidade de fundamentações sólidas para a crítica.

ATORES ENVOLVIDOS NA PRODUÇÃO DO JORNALISMO CULTURAL



Vale a pena também trazer para a discussão a noção de Gadini (2009) que compreende como jornalismo cultural

os mais diversos produtos e discursos midiáticos orientados pelas características tradicionais do jornalismo – atualidade, universalidade, interesse, proximidade, difusão, clareza, dinâmica, singularidade etc. – que, ao abordar assuntos ligados ao campo cultural, instituem, refletem e projetam modos de ser, pensar e viver dos receptores, efetuando assim uma forma de produção singular do conhecimento humano no meio social onde ele é produzido circula e é consumido (GADINI, 2009, p. 80-81).

Esse entendimento tem sua razão de ser. A produção das páginas de cultura não é feita apenas por jornalistas, pois há “[...] tensões, interações e relações entre três diferentes olhares de interesse num mesmo produto” (GADINI, 2009, p. 81). São eles: leitores, editores e repórteres e artistas e/ou produtores culturais. O autor ainda coloca que são esses três atores que consomem e dão adesão e reconhecimento ao jornalismo cultural

Participa, assim, desse cenário uma ampla variedade de atores sociais: repórteres que procuram cumprir pautas a seu modo, com base em orientações editoriais; colaboradores que escolhem os assuntos a serem abordados; fontes noticiosas que diariamente enviam material de assessoria às redações para publicação; editores que seguem rotinas de uma tradição forjada pelas indústrias da arte e da cultura; leitores que enviam cartas criticando enfoques jornalísticos ou apresentando sugestões de pautas; artistas e profissionais independentes que constantemente reclamam mais atenção aos assuntos regionais, alegando não ter espaço para divulgar seus trabalhos; além de outros atores que recebem e se identificam com a cobertura e agendamento apresentados pelos referidos periódicos. [...] É por isso que se pode falar numa continuidade, constante e não fechada, da produção jornalística da cultura cotidiana (GADINI, 2009, p. 82).

Esse fenômeno não é exclusivo da especialização em cultura. Em toda produção jornalística há tensões, interações e relações em jogo. Na especialização em política, por exemplo, a reportagem “[...] baseia-se em entrevistas, com ou sem identificação dos entrevistados. Essas entrevistas tratam de processos políticos em si [...] ou refletem questões não estritamente políticas” (LAGE, 2009. p. 116). Portanto, um repórter que cobre a área de política relaciona-se diretamente com o campo político, assim como o repórter de cultura relaciona-se com o campo cultural. É função do repórter, nos dois casos, conciliar os interesses da publicação, que possui definições editoriais, e as inclinações das fontes, na divulgação de informações e emissão de opiniões, ao que é esperado pelo leitor, um conteúdo confiável e fidedigno.



Entretanto o jornalismo cultural se difere das demais especializações pela rara, quase inexistente, presença do que se chama de *hard news*, notícias com maior poder de atualidade e interesse ou “o noticiário quente, instantâneo, no calor dos fatos” (PIZA, 2009, p. 80). Acontecimentos que geram esse tipo de notícia são comuns nos campos político e econômico, mas pouco usuais no campo cultural. Um caso de corrupção recém descoberto pela Polícia Federal ou uma reviravolta dos preços das ações de uma multinacional influente na bolsa de valores são exemplos imediatos de *hard news*. Para a especialização em cultura, não há como exemplificar tão imediatamente esse tipo de notícia, porque ele não faz parte da sua rotina. Dessa forma, o modo como o jornalista dessa área se relaciona com as suas fontes precisa ser diferenciado. Não cabe na cobertura de cultura a sondagem a produtores e artistas em busca da *hard news*, como fazem os repórteres que cobrem política ou economia com suas fontes.

A PAUTA DO JORNALISMO CULTURAL

Em uma definição objetiva, “pauta é uma proposta de reportagem” (PINTO, 2009, p. 59) ou então um “conceito (guia para a edição); documento (orientação para os repórteres); seleção de assuntos e agenda (lista de temas e efemérides)” (JORGE, 2010, p. 41). Lage refere-se à noção de pauta como

planejamento de uma edição [...], com a listagem dos fatos a serem cobertos no noticiário e dos assuntos a serem abordados em reportagens, além de eventuais indicações logísticas e técnicas: ângulo de interesse, dimensão pretendida da matéria, recursos disponíveis para o trabalho, sugestões de fontes etc (LAGE, 2009, p. 34).

Dentre os diversos objetivos, o que cabe neste trabalho é que “a pauta é capaz também de assegurar a conformidade da matéria do jornal ou revista [ou outro veículo] com interesses empresariais ou políticos” (LAGE, 2009, p. 36). Portanto, a pauta tem como função definir que tipo de abordagem será feita em cada uma das produções que serão publicadas.

Toda pauta baseia-se na noção de noticiabilidade, que é “o conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos, entre os quais há que seleccionar as notícias” (WOLF, 2006, p. 195). Dessa noção surge a ideia de valores/notícia (ou valores-notícia), entendida como “regras práticas que abrangem um corpus de conhecimentos profissionais que [...] explicam e gui-



am os procedimentos operativos redactoriais” (WOLF, 2006, p. 196). Jorge (2010, p. 26-27) sintetiza o conceito de valores/notícia como “alguns conceitos-padrão que ajudam na hora de selecionar uma fonte, de apontar um acontecimento como notícia”. São esses dois conceitos, noticiabilidade e valores/notícia, que norteiam a seleção das pautas.

No jornalismo cultural, as propostas de reportagens, os guias das edições, as orientações para os repórteres e as listas de temas e efemérides estão ligadas a uma ideia de cultura em sentido restrito. Golin (2009, p. 6), ao discutir o conceito de cultura proposto por Ulpiano Bezerra de Meneses, coloca que ela junta aspectos materiais e não-materiais e está presente – e é inseparável – da vida cotidiana. Faz parte da cultura todas as estratégias das quais usamos para produção de sentidos e representações, seja com objetivo de legitimar, reforçar ou contestar a organização social. Dessa forma, todos os hábitos e comportamentos cotidianos estão incluídos no conceito amplo de cultura.

No jornalismo cultural, a ideia que se trabalha de cultura “responde à divisão entre o cotidiano e a produção de obras artísticas, estéticas e culturais” (GOLIN, 2009, p. 7). Como explanado anteriormente, a especialização em questão se refere às linguagens artísticas e outras expressões culturais ligadas a questões comportamentais e de consumo.

Essa gama de assuntos, no qual se pauta a especialização em cultura, está diretamente relacionada ao conceito de *indústria cultural* cunhado por Theodor Adorno e Max Horkheimer, pensadores da chamada Escola de Frankfurt, no livro *Dialética do esclarecimento*, de 1947. Piza (2009, p. 44) sintetiza o conceito dos frankfurtianos como “o complexo de produções de entretenimento e lazer feitas para consumo em larga escala”. Adorno e Horkheimer acreditavam que a partir da *indústria cultural* “a população é mobilizada a se engajar nas tarefas necessárias à manutenção do sistema econômico e social através do consumo estético massificados” (RÜDIGER, 2011).

Outro pensador da Escola de Frankfurt que se dedicou ao estudo de fenômenos que hoje englobam a esfera de pautas do jornalismo cultural foi Walter Benjamin, principalmente em *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. Neste artigo escrito na década de 1930, mas publicado em 1955, 15 anos após sua morte, “Benjamin esboçaria uma teoria [...] de que a arte em tempos industriais perdeu sua ‘aura’, tornan-



do-se produto para consumo, para consolo instantâneo, não mais para reflexão ou perturbação” (PIZA, 2009).

Atualmente, entende-se a *indústria cultural* de uma maneira menos negativa. Da época em que os frankfurtianos formularam seus pensamentos até hoje, muitos produtos culturais foram feitos para consumo massivo e mantiveram o caráter reflexivo das obras de arte reivindicado por Benjamin. É possível encontrar inúmeros exemplos de “obras de arte feitas para o grande público que têm qualidades sólidas, que são tão densas ou agudas quanto muitas de outras épocas” (PIZA, 2009, p.44).

Artistas e produtores culturais são atores da produção do jornalismo especializado em cultura e fazem parte desse complexo contexto da *indústria cultural*, resumido acima. Por isso se observa nas páginas desse tipo de jornalismo o que se convencionou chamar de agendamento, um “excessivo atrelamento à agenda – ao filme que estreia hoje, ao disco que será lançado no mês que vem [ou o evento que acontece no próximo fim de semana] etc.” (PIZA, 2009, p. 62). Isso é considerado um mal, pois resulta em “um domínio muito grande dos nomes já bem-sucedidos, dos eventos de grande bilheteria previsível, das celebridades e grifes” (PIZA, 2009, p. 62).

REPORTAGEM ESPECIALIZADA EM CULTURA

O termo reportagem pode referir-se desde a busca por informações até ao conjunto de profissionais (repórter, fotógrafo, cinegrafista, motorista etc.) que vão à rua para fazer essa busca. A definição que traz a melhor noção para compreender a ideia que se trabalha aqui é a de reportagem como “relato de uma ocorrência de interesse coletivo, testemunhada ou colhida na fonte por um jornalista ou um corpo de profissionais do jornalismo” (JORGE, 2010, p. 70).

Do mesmo modo que a relação do repórter da área de cultura com suas fontes acontece com semelhanças e diferenças dos que cobrem outras áreas, a reportagem especializada em cultura também tem suas particularidades e afinidades com as outras especializações. E o motivo é o mesmo: a rara presença de pautas de *hard news* no jornalismo cultural. Dessa forma, o texto das páginas de cultura deve ter “domínio do assunto e criatividade na abordagem, persistência na apuração e imparcialidade no relato” (PIZA, 2009, p. 80), assim como em todas as outras áreas.



A diferença está na possibilidade e na permissão que é dada ao jornalismo cultural de usar da subjetividade e de passagens em tom de comentário em determinados tipos de matérias. Piza (2009, p. 81-83) descreve três tipos de reportagens típicas do jornalismo cultural que permitem explorar essa liberdade na construção do texto: 1) reportagem de apresentação; 2) reportagem de efemérides; e 3) reportagem que trata de uma tendência ou de questões em debates do campo cultural.

A primeira, como o nome bem diz, tem como objetivo apresentar um determinado assunto ou novo produto cultural ao leitor. Nesse formato, é necessário ir além do fato, da notícia em si, que em geral é abordada em poucas linhas, e trazer uma análise ou interpretação do tema ou produto abordado. A segunda traz como gancho alguma data, seja de morte ou nascimento de algum artista, seja de comemoração de lançamento de algum produto. Nessa, é preciso ir além das informações que estariam em uma reportagem de apresentação e traçar contribuições, relevar aspectos que ficaram esquecidos ou reavaliar a consagração. Por fim, a reportagem que trata de tendências ou questões em debate deve buscar os diversos lados da história tratada e apresentar as diversas opiniões sobre o tema, sempre sem preconceitos e manipulações e sem recorrer à construção do artigo de opinião, o que descaracterizaria a reportagem.

Na primeira semana de março, entre os dias 3 e 9, o Caderno 2+ do Jornal A Tarde, publicou três reportagens que pautaram acontecimentos ligados à linguagem artística da música. Foram elas:

- Osufba abre temporada de concertos 2013 – dia 4, p. 6 (Anexo 1)
- CD com performances de Jimi Hendrix será lançado nesta terça – dia 4, p. 6 (Anexo 1)
- Festival mobilizou comunidade de Trancoso com intercâmbios e shows – Durante oito dias, o Música em Trancoso proporcionou aos moradores locais um contato íntimo com a música clássica, em apresentações de nomes do País e do exterior – dia 5, p. 6 (Anexo 2)
- Mais um passo – Ney Matogrosso evita comemorações de efemérides e, com patrocínio da Natura, inicia turnê pelo País – dia 7, capa (Anexo 3)



A primeira matéria da lista se enquadra perfeitamente na definição de reportagem de apresentação, pois ela informa sobre um novo produto cultural disponível na cidade, a temporada de concertos da Orquestra Sinfônica da Ufba.

A Orquestra Sinfônica da Universidade Federal da Bahia (Osufba) abre hoje, às 20 horas, no Salão Nobre da Reitoria, no Canela, sua temporada de concertos. Nesta primeira apresentação de 2013, os músicos vão executar um programa com duas peças de Mozart e uma de Rossini (CADERNO 2+, 4 mar. 2013, p. 6).

Percebe-se um claro agendamento, pois trata de um evento que aconteceu no dia da publicação na notícia. Contudo, foge da agenda dos espetáculos de grande bilheteria previsível e atende há um dos atores que atuam na produção jornalística, os artistas e profissionais independentes que reclamam por mais espaço nos veículos de comunicação. Falta, entretanto, explorar a liberdade de uso de subjetividades. O texto vai além do fato em si, mas com descrição do repertório da apresentação.

A noite será iniciada com a abertura da ópera L’Italiana in Algeri, composta por Rossini em 1813. Em sequência, serão executados o Concerto para violino e Orquestra No. 3 em sol maior, tendo como solista o professor Alexandre Casado, e a Sinfonia No. 35 em ré maior, ambas peças assinadas por Mozart. (CADERNO 2+, 4 mar. 2013, p. 6)

Também descreve de forma superficial o funcionamento da sinfônica na voz no regente.

Na atual formação, a orquestra conta com 44 membros, entre alunos, professores e técnicos da universidade. “O número de integrantes varia em função do programa que a gente determina para cada concerto”, explica José Maurício Brandão, o maestro regente da Osufba.

Por ser uma orquestra acadêmica, a Osufba tem uma configuração peculiar a esta proposta. “Seu objetivo é ser o espaço onde, por exemplo, os alunos de instrumento podem praticar em conjunto, os de composição ver suas peças executadas. Assim ela funciona como laboratório para compositores, alunos, professores e técnicos”, define Brandão (Caderno 2+, 4 mar. 2013, p. 6).

A segunda reportagem da lista também pode se enquadrar no conceito de reportagem de apresentação, pois pauta o lançamento de um disco póstumo do guitarrista Jimi Hendrix. “O CD do álbum People, Hell and Angels, que será lançado nesta terça-feira, está sendo apresentado como uma coleção de 12 performances de estúdio inéditas de Hendrix” (CADERNO 2+, 4 mar. 2013, p. 6).



Há outras características em comum entre as duas reportagens, a primeira é o agendamento, porém nesta última é ainda mais prejudicial porque se agenda o lançamento de uma celebridade com previsível grande vendagem. A segunda é o não uso da subjetividade.

A terceira reportagem faz a cobertura do festival Música em Trancoso. Diferentemente dos outros dois, não parte de um agendamento, mas a sua construção privilegia a descrição das apresentações e do projeto, às vezes com uso de adjetivos que não acrescentam informações relevantes à reportagem.

O que mais chama a atenção no empreendimento, de qualidade musical indiscutível – esse ano recebeu, dentre outros, a Orquestra Jovem do Estado de São Paulo; Orquestra Juvenil da Bahia (Neojiba), David Gazarov Trio (Jazz), Leonard Elschenbroich (violoncelo), Martin Snell (barítono), Kathrin Hildebrandt (soprano) e Cesar Camargo Mariano (Piano) – é que ele não apenas envolve as diferentes camadas da população da região, mas também dá a artistas iniciantes a chance de participar de aulas com mestres da música mundial. (CADERNO 2+, 5 mar. 2013, p. 6)

Por fim, a quarta reportagem da lista novamente é de apresentação e com agendamento. O texto apresenta a nova turnê do cantor Ney Matogrosso, que estreou na cidade de São Paulo um dia depois da publicação e passou por Salvador cerca de dois meses depois.

“Mais um passo em frente”. É assim que Ney Matogrosso vê sua nova turnê, Atento aos Sinais, que estreia amanhã em São Paulo e passa por Salvador no dia 31 de maio (CADERNO 2+, 7 mar. 2013, capa).

Essa reportagem usa, no entanto, a possibilidade da subjetividade, com alguns comentários, e contextualiza o atual trabalho do cantor com o momento atual da sua carreira.

O intérprete se aproximou do público jovem (também interessado pelo Secos & Molhados) depois dos shows e CD em que cantou Cartola, no início dos anos 2000. O diálogo continuou por meio do contato com músicos novatos: no ano passado Ney fez participações em shows do rapper Criolo e das bandas Zabomba e Tono.

[...]

Atento aos Sinais traz de volta aos palcos o Ney Matogrosso performático, de figurino deslumbrante (incluindo o habitual par de botas de salto 8 cm) e maquiagem carregada, que andou ausente nos últimos trabalhos. (CADERNO 2+, 7 mar. 2013, capa).



Percebe-se, a partir das reportagens analisadas, a opção do suplemento pela apresentação e pelo agendamento na cobertura de música. As fontes das reportagens analisadas não vão além do próprio artista que divulga o trabalho, o que demonstra uma incoerência com a noção de jornalismo especializado. A relação do tema pautado com outras linguagens artísticas e manifestações culturais, para a contextualização do tema, ocorre apenas na matéria publicada no dia 7 de março. Por ser uma reportagem de capa, diferente das demais que são secundárias no caderno, ela teve mais espaço e pode explicar em que momento da carreira de Ney Matogrosso a turnê *Atendo aos Sinais* se insere. Contudo, não se pode deixar de notar que a possibilidade de traçar um panorama da música sinfônica na cidade não foi explorada com o ganho da abertura da temporada 2013 da Osufba e também não se buscou detalhar a obra de Jimi Hendrix ou até mesmo criar uma discussão sobre a validade dos sucessivos relançamentos póstumos que a família do guitarrista coloca no mercado.

CRÍTICA CULTURAL

Além dos estilos de reportagem tratados acima, a crítica cultural, ou simplesmente crítica, é um dos gêneros textuais que diferenciam o jornalismo cultural das outras especialidades. Segunda Lage (2009, p. 118), há uma relação entre a crítica, na cobertura de cultura, e as crônicas políticas e desportivas. No entanto o papel da crítica não é simplesmente interpretar determinado fato dentro de um contexto ou a influência de uma dada decisão, como na crônica política, ou de analisar o desempenho de alguém ou de uma equipe em um jogo específico, como na crônica desportiva.

A crítica cultural “cuida-se sobretudo de orientar um aficionado, ou pretendente a aficionado, para que se insira no padrão estético mais elevado daquilo que se chama de tribo” (LAGE, 2009, p. 118). Para Piza (2009, p. 71) uma boa resenha deve combinar sinceridade, objetividade, preocupação com o autor e o tema. Além disso, a construção do texto deve obedecer.

Primeiro, todas as características de um bom texto jornalístico: clareza, coerência, agilidade. Segundo, deve informar ao leitor o que é a obra ou o tema em debate, resumindo sua história, suas linhas gerais, quem é o autor etc. Terceiro, deve analisar a obra de modo sintético mas sutil, esclarecendo o peso relativo de qualidades e defeitos, evitando o tom de “balanço contábil” ou a mera atribuição de adjetivos. Até aqui, tem-se uma boa resenha. Mas há um quarto requisito [...]



que é a capacidade de ir além do objeto analisado, de usá-lo para uma leitura de algum aspecto da realidade. (PIZA, 2009, p. 70)

Na mesma semana em que o Caderno 2+ do Jornal A Tarde publicou as quatro reportagens analisadas acima, foi publicada esta crítica:

- Vitrola Azul: som groovado estilo 70's para fazer você dançar, sábado, na Praia dos Livros – dia 5, p. 6 (Anexo 2)

A crítica sobre a banda de Salvador Vitrola Azul foi publicada em uma coluna semanal sobre bandas de rock da cidade. O texto, escrito em primeira pessoa, parte de um agendamento (o show que a banda faria no fim de semana seguinte e o lançamento de um álbum de demonstração) para depois analisar as referências e o estilo musical do grupo. O texto se enquadra na noção de resenha impressionista proposta por Piza (2009, p. 71). Nesse tipo de construção, se descreve as reações mais imediatas em relação à obra com uso de adjetivos para qualificá-la. Nesta crítica, o autor se dedica justamente à descrição do grupo e recorre também aos adjetivos.

A banda da semana que chamou minha atenção é a Vitrola Azul, esse simpático quarteto [...], que faz show, neste sábado [...].

[...]

Formada por Thiago Lucas (baixo), Davi Correia e Hélder Santos (guitarras e vocais) e Dadi Andrade (bateria), a Vitrola, como o nome já indica, pratica um rock 'n' roll brasileiro cheio de influências dos anos 1970.

[...]

Fundada em 2007, a banda tocou com certa regularidade pelos inferninhos da cidade até dar uma parada em 2010.

[...]

Prolífica, a banda já conta com mais de 15 músicas no repertório. (CADERNO 2+, 7 mar. 2013, p. 6).

Aqui se percebe que o balanceamento entre crítica e reportagem na cobertura de música no Caderno 2+ é irregular. De cinco textos dedicados ao tema, apenas um se propôs a uma análise crítica, no caso uma banda. E, mesmo esse texto, partiu de um agendamento e utilizou de estratégias de construção da reportagem, como a descrição. Dessa forma, pode-se concluir que o suplemento diário busca aproximar a cobertura de música à cobertura dada por outras especializações. As pautas de agenda (que seriam



próximas ao *hard news*) e com a descrição como estratégia privilegiada para a construção dos textos demonstram essa busca. Assim, há uma perda na análise e na interpretação, além da rara exploração da possibilidade de passagens subjetivas. Com isso, o aprofundamento necessário para uma especialização do jornalismo fica comprometido pela forma como o produto é pautado e construído.

REFERÊNCIAS

Caderno 2+. Salvador: Jornal A Tarde, 4 mar. 2013.

Caderno 2+. Salvador: Jornal A Tarde, 5 mar. 2013.

Caderno 2+. Salvador: Jornal A Tarde, 7 mar. 2013.

FARO, José Salvador. Território em transformação – jornalismo cultural: uma reflexão sobre sua importância e seus desafios. Suplemento Literário, Belo Horizonte, 2012. Edição Especial – Jornalismo Cultural. Disponível em: <http://www.cultura.mg.gov.br/imprensa/publicacoes/suplemento-literario>. Acesso em: 10 mar. 2013.

GADINI, Sérgio Luiz. Interesses cruzados: a produção da cultura no jornalismo brasileiro. São Paulo: Paulus, 2009.

GOLIN, Cida. Jornalismo cultural: reflexão e prática. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/lead/publicacoes.htm>. Acesso em: 24 mar. 2013.

JORGE, Thaís de Mendonça. Manual do foca: guia de sobrevivência para jornalistas. 1ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

LAGE, Nilson. A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

PINTO, Ana Estela de Sousa. Jornalismo diário: reflexões, recomendações, dicas e exercícios. São Paulo: Publifolha, 2009.

PIZA, Daniel. Jornalismo Cultural. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2009.

RÜDIGER, Francisco. A Escola de Frankfurt. In: FRANÇA, Vera Veiga; HOHL-FELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C. (org.). Teorias da Comunicação - Conceitos, Escolas e Tendências. 10ª ed. Vozes: Petrópolis, 2011. p. 131-150.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. O jornalismo especializado e a especialização periodística. Estudos em Comunicação, Maio 2009. Disponível em: <http://www.ec.ubi.pt/ec/05/>. Acesso em: 27 nov. 2012.

WOLF, Mauro. Teorias da Comunicação. 8ª ed. Presença II: Queluz de Baixo, 2006.



ANEXOS

Anexo 1:

MÚSICA CLÁSSICA

Osuflba abre temporada de concertos 2013

VERENA PARANHOS

A Orquestra Sinfônica da Universidade Federal da Bahia (Osuflba) abre hoje, às 20 horas, no Sábão Nobre da Rectoria, no Camela, sua temporada de concertos. Nesta primeira apresentação de 2013, os músicos vão executar um programa com duas peças de Mozart e uma de Rossini.

A noite será iniciada com a abertura da Ópera *L'italiano in Algeri*, composta por Rossini em 1733. Em sequência, serão executadas o Concerto para violino e Orquestra No. 3 em sol maior, tendo como solista o professor Alexandre Casado, e a *Sinfonia No. 35 em ré maior*, ambas peças astradas por Mozart.

Alexandre Casado atuou como solista em diversas orquestras, entre elas o Conservatório de Genebra, Sinfônica de Recife, Paraíba e do Rio Grande do Norte.

Na atual formação, a orquestra conta com 44 membros, entre alunos, professores e técnicos da universidade. "O número de integrantes varia em função do programa que a gente de- termina para cada concerto", explica José Maurício Brandão, o maestro regente da Osuflba.

Por ser uma orquestra acadêmica, a Osuflba tem uma configuração peculiar a esta proposta. "Seu objetivo é ser o espaço onde, por exemplo, os alunos de Instrumento podem praticar em conjunto, os de composição ver suas peças executadas. Assim ela funciona como laboratório para compositores, alunos, professores e técnicos", afirma Brandão.

A Escola de Música da Ufba oferece à comunidade cinco cursos de graduação, além de programas de pós-graduação acadêmica (mestrado e doutorado), pós-graduação profissional (mestrado) e cursos de extensão. Todos os cursos têm na Osuflba uma ferramenta pedagógica fundamental à realização de suas atividades e disciplinas.

Programação

Ainda este mês, a orquestra fará mais duas apresentações: dia 19 realiza o concerto de Píscos em conjunto com o madrigal (coro) da Ufba e dia 27 faz um concerto somente com clarinetas, dentro das atividades do Colóquio de Clarinetistas.

Ao longo do ano, o grupo faz em média duas apresentações por mês, com destaque para um concerto em julho, em comemoração ao aniversário da universidade, e para o concerto de Natal, em dezembro.

CONCERTO DA ORQUESTRA SINFÔNICA DA UFBA / SÁBÃO NOBRE DA RECTORIA DO Ufba / CAMELA / HOJE, ÀS 20H / GRÁTIS

LENDA

CD com performances de Jimi Hendrix será lançado nesta terça

REUTERS
Los Angeles

Se havia alguma dúvida sobre a força do lendário guitarrista Jimi Hendrix mais de quatro décadas depois de sua morte, o seu mais recente single deve esclarecê-la de vez. *Sonwaha e I* é o primeiro lançamento de Hendrix em uma nova venda da Billboard Hot em fevereiro. Isso é um bom preságio para o mais recente álbum póstumo arranjado do arquero musical de Hendrix, que os produtores dizem que tem resistido bem ao teste do tempo.

O CD do álbum *People, Hell and Angels*, que será lançado nesta terça-feira, está sendo apresentado como uma coleção de 12 performances de estúdio inéditas de Hendrix, embora algumas das canções tenham aparecido em outras vendas desde a sua morte, aos 27 anos, em 1970.

O álbum chega simultaneamente ao lançamento de discos em vinyl de primeiros clássicos de Hendrix, *Are You Experienced* e *Axis: Bold as Love*. As faixas de *People, Hell and Angels* foram planejadas como uma sequência para o guitarrista líder nas paradas 1968 como o álbum *Electric Ladyland*. "Depois do enorme sucesso do *Experience* (de Jimi Hendrix) e de quais primeiros álbuns, ele queria fazer algo novo, e o som de blues neste é diferente dos outros", disse Jannie Hendrix, meia-irmã do guitarrista e presidente da Hendrix Experience.

Anexo 2:

2

PROJETO Durante oito dias, *Música em Trancoso* proporcionou aos moradores locais um contato íntimo com a música clássica, em apresentações de nomes do País e do exterior

Festival mobilizou comunidade de Trancoso com intercâmbios e shows

LUÍZE REUS (*)

Pelo segundo ano consecutivo desde sua criação, em 2012, o Festival Música em Trancoso aconteceu com sucesso, a comunidade da Costa do Descobrimento no sul da Bahia. Realizado de 23 de fevereiro a 2 de março, o evento contou com a participação de artistas de expressão do jazz e, sobretudo, do mandado musical clássico. Mais que isso, cumpriu à risca seu objetivo de integrar músicos experientes, novatos e comunidades locais em um projeto cultural cada vez mais ambicioso para o região.

Os oito dias de festival conseguiram atrair as comunidades de Arraial D'Ajuda, Trancoso e Porto Seguro, repletas de contrastes sociais.

O que mais chama a atenção no empreendimento, de qualidade musical indelével, é a sua recepção, dentro outros, a Orquestra Jovem do Estado de São Paulo, Orquestra Jovem da Bahia (Neópolis), Davi do Casarovi Trio (jazz), Luciene (Bacharelo de violoncelo), Martin Small (pianista), Kathrin Hilbrandt (soprano) e Cesar Camargo Mariano (Piano) – é que ele não apenas trouxe as novidades e mudanças da população da região, mas também dá a artistas iniciantes a chance de participar de aulas com mestres da música mundial.

A comunidade abraça essa expectativa em relação ao festival e correspondem, gerando oportunidades de negócios e trabalho, e oferecendo os meios para dar suporte e infraestrutura para a música em Trancoso a jovens da região.

Em sua 2ª edição, mais de 200 profissionais locais trabalharam na organização do evento, em sua infraestrutura e logística.

Aprimoramento técnico

A função educacional do evento também é ressaltada por Sabine. "Queremos despertar o interesse pela música entre os jovens da região e contribuir para o aprimoramento técnico de es-

trancoso, mas posso te dizer que todos ficam inspirados e felizes pela oportunidade de aprender com alguns dos melhores músicos do mundo".

Apesar dos ingressos serem 100% gratuitos, a maioria dos quase 1.200 frequentadores do festival partem de classes médias e alta da região, ou hóspedes do Club Mad de

Os músicos Rudiger Liebermann e Leonard Esherenbroich com a Orquestra Jovem do Estado de SP

CRESCIMENTO

A partir de 2014, com a conclusão das obras do arruamento (desenvolvido pelo arquiteto Jamesburgues, François Valentini), com duas áreas para 1.200 pessoas cada uma, a ideia é ter pelo menos seis grandes eventos no local anualmente. Além da música, o projeto, que usa recursos da *La Réunion* para captação de patrocinadores, ainda levará para Trancoso festivais de dança e cinema.

"Temos ao nosso lado uma instituição de renome que é o Mozarteum Brasileiro que nos ajuda muito em termos de credibilidade. Somamos, em média a longo prazo, ao Festival de Trancoso, uma referência não apenas nacional no campo das artes, mas também internacional. Temos potencial para isso", destacou Carlo.

A ideia do festival nasceu em um jantar com quinze esposas, Sabine Lovatelli (Gratorta e diretora do Mozarteum Brasileiro), da *Cláudia Lovatelli* (presidenta do *Cláudia Lovatelli*), presidente da *Cláudia Lovatelli*, e o músico Carlo Lovatelli, presidente do *Mozarteum Brasileiro* em Trancoso e do Terceira Golf Course, local que abriga o evento.

PROJETO MÚSICA EM TRANCOSO

Vitrola Azul: som groovado estilo 70's para fazer você dançar, sábado, na Praia dos Livros

COLETAINE
Chico Castro Jr.
Jornalista e repórter do *Correio*.

(baco), Davi Cometa e Hélder Santos (guitarras e vocal) e **Diego André** (bateria) a *Vitrola*, como o nome já indica, pratica um rock "fi" no brasileiro cheio de influências dos anos 1970. "O som tem umas coisas bem 70's mesmo, com muito groove. Mas nunca dá de ser rock".

Tomanço do pé situação

Fundada em 2007, a banda tocou com certa regularidade por bairros e eventos da cidade até dar uma parada em 2010. "Hábito não é a luta", foi para o *Carnaxi*. Al mudou uma galera. E mesmo sou da formação nova.

Além do EP *Mais Louca Alegria*, a VA divulga vídeos com versões acústicas do seu repertório no YouTube

Night sapatos azuis

Os sapateiros da *Los Angeles* fazem uma rara *Rockabilly* festa de fim de semana: neste sábado, no *Comunidade Studio Bar*, 22 horas. No repertório, só a mais do rockabilly do mal: *Eddie Cochran*, *Gene Vincent*, *Buddy Holly*, *Carl Perkins*, *Johnny Cash* etc. Separa aqueles sapatos azuis de camurça.

Show – com resenha

A mesma noite no *BoVarmallo* oferece outros shows: *Fabrizio* (dentes, *Chico* (de *Demônios* e *Os Anjos*), no *Dubman Irish Pub*. Essas bandas de rock "fi" não pra dançar e cantar junto, são limitas. Tem outros informações a respeito de cada um dos shows em www.vitrolaazul.com.br.

TIPO AZUL NA PRAIA DOS LIVROS, SHOW COM WENDY AZUL E GUILHERME AZUL / SÁBADO, ÀS 20H / SÃO PAULO / R\$ 10 (FORA DA BARRA) / R\$ 10

0800-300000000.COM/VITROLAZUL

Fundado em 2007, a *Vitrola* voltou a atuar com nova formação



Anexo 3:

A TARDE
QUI
 SALVADOR
 17/11/2011

SEG. PERSONA
 TER. POP.
 QUA. VISUAIS
HOJE. CENA/VIAJAR
 SEX. FIM DE SEMANA
 SAB. LETRAS
 DOM. TELEVISÃO

starde.com.br/caderno2m

2

LIVRO SEGUNDO VOLUME DO CATÁLOGO DE FOTOS DE ZÉLIA GATTAI TEM COMO TEMA OS AMIGOS E SERÁ LANÇADO HOJE, NO PELOURINHO

FESTIVAL VER-O-PESO VAI REUNIR GRANDES CHEFS DO PAÍS EM BELÉM DO PARÁ

MAIOARA NEVES / Ag. A Tarde / ZELIA GATTAI



Mais um passo



MÚSICA Ney Matogrosso evita comemorações de efemérides e, com patrocínio da Natura, inicia turnê pelo País

VEREBA PARANHOS*
 São Paulo

"Mais um passo em frente". É assim que Ney Matogrosso vê sua nova turnê, *Atentando Sêneca*, que estreia amanhã em São Paulo e passa por Salvador no dia 31 de maio. No ano em que completa 40 anos de carreira, Ney se mostra avesso a comemorações, do mesmo modo que ignorou os apelos para que celebrasse em 2011 seus 70 anos. "Não é nada comemorativo. Por acaso é um show que eu estou fazendo. Estou seguindo a minha vida", disse na coletiva de lançamento, terça-feira, no Hotel Emília, em São Paulo.

O show, que tem como principal marca a sonoridade pop-rock, foi selecionado pelo edital nacional do programa *Natura Musical*, que vai patrocinar as apresentações da turnê e a gravação de um disco homônimo.

"Eu fiz o patrocínio, mas com ele faço uma folga, podemos levantar uma superestrutura, não precisamos ficar 30 horas pagando a produção. É confortável", acredita Ney, que pela primeira vez na carreira fará patrocínio.

Outro passo
 Nos últimos anos Ney Matogrosso tem invertido a ordem dos trabalhos. "Eu prefiro cantar primeiro e depois gravar. Em todos os shows descubro uma possibilidade. Quero deixar ficar bem maduro, porque ninguém estreia 100% como será. Estou me sentindo preparado para entrar em São Paulo". Seguindo a lógica, quando passar pelo Teatro Cabo Alves, em maio, certamente o cantor estará mais à vontade.

O repertório de *Atentando Sêneca* já estava praticamente pronto há um ano, para o cantor, difícil vai ser escolher quais das 10 músicas irão para o álbum. Com direção musical de Sacha Ambrak (que também assina os backing), Ney interpretará composições como a dos irmãos, como Paulinho da Viola, Caetano Veloso, Itamar Assumpção, Chico, Vitor Ramil, Vitor Peralta e Dani Black.

"Quería algo estranho, não só músicas de clássicos. Estou colocando na roda várias pessoas que não são conhecidas do grande público, só em seus estados. *Ruínas de Ubatuba*, de Paulinho da Viola (1973), as pessoas também não conhecem. Para mim são inéditos", diz.

O intérprete se aproximou do público jovem em (também interessado pelo Saco e Molhado) depois dos shows e CD em que cantou Grilo, no início dos anos 2000. O diálogo continuou por meio do contato com músicos novatos: no ano passado Ney fez participações em shows do rapper Grilo e das bandas Zolonda e Linn. "Eu chego do meu João. As vezes acho que alguém há de me estranhar. Mas não houve estranhamento", conta sobre a performance com Grilo.

Do Saco e Molhado, Ney cantará na turnê *O Amor*. "Vou fazer uma gracinha. Saco e Molhado é meu passado. Isso aqui é meu presente, meu futuro imediato".

Perfomático
 Além do Saco e Molhado, Ney fará shows em outros pontos do país. "Aqui eu vou fazer shows de um jeito diferente. (Incluindo o habitual) par de botas de salto 8 cm e maquiagem carregada, que andou assando nos últimos trabalhos. "Aqui eu vou fazer shows que eu gosto, salta, com pouca roupa. Eu tiro a roupa e fico com uma camisinha descolada", assim explica as peças costuradas no próprio corpo por Diógenes Venesolo, com quem trabalha desde 1984, em parceria com Milton Cunha e Marta Reis.

Criado por Luis Stein e Milton Cunha, o cenário de novos shows é moderno e conta com iluminação do próprio Ney Matogrosso, definida por ele como "uma luz de rock 'n' roll". O primeiro emprego dele quando chegou ao Rio de Janeiro no final dos anos 1960 foi justamente como iluminador da Sala Cecilia Meireles. "O trabalho era seguro o câmbio de luz para novos artistas da época, Caetano Veloso, Paulinho da Viola".

"Eu não gosto de usar coisas de moda. Não gosto muito de usar LED, mas é assim porque não é aquilo que eu quero", revela sobre o palco onde são projetadas imagens que se relacionam com as letras das músicas cantadas.

Por exemplo, em *Ubatuba* (composição de Lúcio Inortalza da na voz de Caetano) os sons são imagens minhas. Já que estamos falando que eu vivi uma vida louca. Não que eu seja louco, não me considero louco, mas a minha vida é uma vida engraçada", conclui sorrindo.

Nesta projeto pop-rock, o cantor estará acompanhado por Sacha Ambrak, Marcos Suzano e Felipe Russo (percussão), Dunga (bateria), Maurício Almeida e Maurício Negão (guitarra), Aquiles Moraes (trompete) e Ererson Moraes (trombone).

[*] A EXPLOSAO PALCO E COATITE DA BARRA

Atentando aos Sêneca traz da volta o Ney performático, de figurino deslumbrante



HISTÓRIAS À BRASILEIRA
 CASOS E CANTORIA PARA CRIANÇAS

De 5 a 9 março
 reuniões às 10h e às 14h
 Show às 19h

Dia 9 março
 19h30h às 21h
 Show para toda a população

Shows para crianças: *Meus Meus*, *Vida Certa*, *Olha Que Beleza*, *Parquinho*, *Chico Pêlo*, *Meus Meus*

Patrocinado por:
 José Castro, Celso, Carolina, Paulo, Roberto, D. Silveira, Salvador, Inês, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015

Central de Relacionamento:
71. 2203 9955

NOVOS CONVÊNIOS:
 SulAmerica - PLANSEV
 APUB - Golden Cross

